

Nem Mocinha e Nem “Capirota”: a Protagonista de Beleza Fatal Como Anti-Heroína da trama¹

Talison Pires Vardiero²
Matheus Vianna Ladeira³
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

RESUMO

Este estudo analisa a protagonista de Beleza Fatal, Sofia/Júlia, que se afasta do arquétipo tradicional da mocinha e se aproxima da figura da anti-heroína. A pesquisa observa os 40 episódios da novela e adota como percurso metodológico o Paradigma Indiciário (Braga, 2008) e a Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2016), além de conceitos sobre o anti-herói (Rigaud, 2017; Evangelista, 2017). Os resultados indicam a construção de uma anti-heroína contemporânea, cujas ações, motivadas por uma busca por justiça, desafiam narrativas convencionais ao explorar abordagens mais complexas e ambíguas.

PALAVRAS-CHAVE: Beleza Fatal; Anti-herói; Telenovela; Streaming; Max.

INTRODUÇÃO

Beleza Fatal (2025), uma das primeiras telenovelas de streaming produzidas pela Max, destaca-se não apenas pelo enredo envolvente, mas também pela reflexão sobre beleza, poder e moralidade. Segundo Lopes (2009), a telenovela atua como um recurso comunicativo, pois combina narrativa cativante, interação com o público e crítica social. O sucesso da obra nas redes sociais e sua aquisição pela Band demonstram sua relevância no cenário midiático brasileiro.

Na trama, duas personagens centrais se destacam: Lola (Camila Pitanga), a vilã declarada, e Sofia/Júlia (Camila Queiroz), uma protagonista ambígua. Inicialmente vítima, Sofia assume a identidade de Júlia para vingar-se de Lola, adotando atitudes moralmente questionáveis. Sua dualidade é enfatizada o tempo todo na narrativa, por pessoas próximas, mas fica registrada quando Gabriel (Enzo Romani) a compara à antagonista (cap. 22 e 32), reforçando sua complexidade psicológica e moral (Brandão & Fernandes, 2013).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Ficção seriada audiovisual, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Professor da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, email: talison.vardiero@ufjf.br

³ Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, email: matheus.ladeira@estudante.ufjf.br

Este estudo analisa Sofia/Júlia como uma anti-heroína que desafia os arquétipos tradicionais. Diferente das mocinhas clássicas, ela manipula, engana e trai para alcançar seus objetivos, evidenciando uma trajetória marcada por poder e identidade. A narrativa reflete as contradições da luta por justiça e os dilemas éticos envolvidos nessa busca.

Metodologicamente, utilizamos o Paradigma Indiciário (Braga, 2008), que permite identificar sinais reveladores na construção da personagem, indo além das mensagens explícitas. Complementarmente, a Análise da Materialidade Audiovisual (AMA) (Coutinho, 2016) possibilita compreender como som, imagem, texto e edição constroem sua figura, além de possibilitar a delimitação de características em eixos.

Sob as lentes teóricas, abordamos a telenovela como recurso de comunicação (Lopes, 2009) e à Rigaud (2017) e Evangelista (2017) embasam a concepção do anti-herói como um personagem que age com base em valores distorcidos, mas que desafia o maniqueísmo tradicional.

Assim, este estudo busca demonstrar como Sofia/Júlia reflete a complexidade das relações de poder e identidade, representando um deslocamento das narrativas convencionais para personagens moralmente ambíguos, mais próximos da realidade contemporânea.

BELEZA FATAL: A PROTAGONISTA QUE NÃO É MOCINHA E NEM HEROÍNA

O enredo de Beleza Fatal (2025), escrito por Raphael Montes, aborda temas como poder, ambição e identidade, com foco na obsessão pela beleza e pelo status, incorporando referências culturais locais para construir uma identidade televisiva única. Segundo Lopes (2009), além de entreter, a telenovela funciona como um fórum de discussão pública, abordando questões como desigualdade, diversidade e ética, promovendo debates que impactam a sociedade. Assim, a estrutura narrativa e impacto sociocultural tornam-na essencial na construção de valores, comportamentos e identidades.

No entanto, a personagem Sofia/Júlia desafia a convencional mediação de valores e comportamentos. Castellano e Meimaridis (2018) destacam que, com a popularização das séries nos Estados Unidos até o final dos anos 90, surgiu a norma de que os protagonistas deveriam ser figuras cativantes, facilmente compreendidas e

identificadas pelo público. Esse padrão resultou em uma produção televisiva dominada por histórias do herói tradicional, limitando as possibilidades narrativas. Algo que influenciou diretamente as produções audiovisuais brasileiras.

Campbell (2002) define o herói como alguém que transcende a condição humana cotidiana, realizando feitos excepcionais e guiado por princípios morais e éticos, sendo idealizado para gerar empatia no público. No entanto, a trajetória de Sofia/Júlia não se encaixa nesse modelo de heroína convencional, pois ela transita entre vilania e anti-heroísmo. Como Rigaud (2019) aponta, a principal diferença do anti-herói é que ele tem um motivo para suas ações, mesmo que isso envolva atos extremos, como matar — algo que Sofia/Júlia faz para acusar a rival.

Alguns pesquisadores acreditam que o anti-herói é o personagem que acredita que os fins justificam os meios, outros afirmam que o anti-herói também faz justiça, apenas utiliza meios não tão convencionais, e outros pensam que esse título é dado para os personagens que possuem entre as suas características mais marcantes a psicopatia, o maquiavelismo e maniqueísmo. (Rigaud, 2019, p.11)

Em consonância com o trabalho de Rigaud (2019), tomamos como definição de anti-herói a proposta de Evangelista (2017), que sugere que tais personagens são construídos a partir do cansaço diante de injustiças e corrupções sociais. Para alcançar os objetivos, fazem justiça com as próprias mãos, possuindo atitudes extremas que envolvem uma tríade de vingança, violência e subversão de valores morais.

DE MOCINHA A ANTI-HEROÍNA: RESULTADOS E CONCLUSÕES

Em *Beleza Fatal* (2025), a personagem Sofia/Júlia é a protagonista da trama, mas se afasta do modelo tradicional de mocinha, que, segundo Brandão e Fernandes (2015), carrega elementos do folhetim, melodrama e contos de fadas, sendo construída a partir de cinco características: 1) ser uma personagem feminina que sofre mais que os mocinhos; 2) ser inocente e vítima dos vilões; 3) possuir beleza e meiguice, com roupas simples; 4) lutar por princípios morais, o que compromete seus romances; 5) acreditar na benevolência alheia e ser enganada por sua ingenuidade.

Diferente dessa figura idealizada, Sofia/Júlia é marcada por ambição, manipulação e moralidade questionável, aproximando-se do arquétipo do anti-herói — personagem que rompe com as expectativas do público ao adotar comportamentos ambíguos. Contudo, mesmo distante do modelo da mocinha pura, a novela constrói sua trajetória de forma a despertar empatia, apresentando suas ações como consequência de

um sistema injusto. Dessa forma, por meio da Análise da Materialidade Audiovisual (AMA), é possível situá-la em cinco eixos que evidenciam sua aproximação ao anti-herói, mais do que à mocinha ou à vilã.

No primeiro eixo de análise, identificamos que Sofia/Júlia se destaca como anti-heroína por sua **ambição desmedida**. Ao contrário das protagonistas tradicionais, movidas por objetivos altruístas, ela busca sucesso, poder e status a qualquer custo. Diante da procura por justiça, ela trabalha para tomar o lugar da vilã, especialmente a partir do capítulo 25, quando começa a enganar a antagonista e tenta roubar seu lugar como esposa e empresária. Não apenas por essas questões, mas também por apresentar uma trajetória marcada por decisões questionáveis, manipulação e ausência de limites éticos, ela se afasta do modelo clássico de mocinha virtuosa.

No segundo eixo, observamos que Sofia/Júlia se apresenta como uma anti-heroína por **utilizar manipulação, mentiras e alianças duvidosas para alcançar seus objetivos**. A situação é tão complexa que ela utiliza argumentos para enganar a própria família adotiva a ajudá-la no plano para destruir Lola, faz alianças com os “Argentos” e cria cenários em que manipula as situações para se fazer passar por mulher de princípios, sem transparecer o plano maquiavélico que trama. Tais ações revelam um comportamento calculista e pragmático, distante da figura tradicional da heroína, marcada pela bondade e pureza. Apesar de seus atos poderem ser justificados pela busca por justiça, sua postura revela uma complexidade moral que desafia julgamentos simples e destoa das mocinhas tradicionais.

Sofia difere das mocinhas clássicas por **não possuir pureza moral**. Enquanto essas personagens seguem um código inquestionável de virtude, Sofia/Júlia é marcada por contradições e escolhas ambíguas, guiadas por interesses próprios e pela busca de vingança. Sua complexidade reflete uma moralidade fluida e realista, distante da divisão simplista entre o bem e o mal. Exemplos disso são quando ela briga e machuca a mãe adotiva, Elvira (Giovanna Antonelli), que tenta fazer com que pare com o plano contra a vilã, ou quando seduz o marido de Lola, Benjamin (Caio Blat), como parte de um projeto para arruinar a rival.

No quarto eixo, percebemos que a protagonista é **movida por uma motivação pessoal e individualista**, buscando status e reconhecimento. Diferente das heroínas altruístas, ela age em benefício próprio, mesmo quando enfrenta injustiças ou opressão.

Essa postura a coloca em constante conflito com outras figuras da trama, criando dinâmicas de poder e confronto. Por exemplo, quando apresenta argumentos para que outros personagens a auxiliem na vingança, como se esta fosse uma luta coletiva e não individual.

Ainda analisamos que Sofia/Júlia é uma **protagonista ativa, cujas decisões influenciam diretamente a trama**. Ao longo da história, ela passa por uma transformação que não busca redenção ou superioridade moral, mas sim a realização de seus próprios objetivos. Sua trajetória, marcada por ações moralmente questionáveis, destaca sua complexidade e aproxima sua figura dos conflitos reais enfrentados pelas pessoas. Tanto que Sofia se torna uma assassina apenas para incriminar Lola.

Além disso, no desfecho do enredo, a protagonista **não alcança um final feliz**, tal como uma *Femme Fatale* (Vardiero; Guerra, 2015) que, ao ser descoberta, vive a ruína. Após executar o projeto de vingança contra Lola, que culmina na prisão da rival pelo assassinato de Benjamin, Sofia/Júlia tenta se reconciliar com seus entes queridos. Contudo, seus esforços são em vão: Elvira e Lino (Augusto Madeira) a rejeitam, e Gabriel se recusa a reatar o relacionamento, comparando-a à antagonista. A novela encerra com a protagonista deixando a penitenciária e caminhando sozinha pelas ruas. Ela observa uma menina vendendo marmitas e relembra a própria infância difícil após a morte de sua mãe. Essa cena simboliza o ciclo contínuo de dor e solidão na vida da anti-heroína.

Sofia é um exemplo clássico de anti-heroína em *Beleza Fatal*, desafiando os arquétipos tradicionais de mocinha. A ambição desmedida, estratégias manipulativas e a moralidade ambígua a afastam do modelo de heroína idealizada, mas a construção de sua personagem, que revela suas motivações e conflitos internos, permite que o público encontre aspectos com os quais se identifique. Ao longo da trama, se distancia da figura puramente vilanesca, mas também não se aproxima totalmente de uma heroína convencional. Esse equilíbrio entre as qualidades de herói e vilão é o que torna Sofia/Júlia uma personagem fascinante e multifacetada, refletindo as complexidades das relações de poder, moralidade e identidade no contexto contemporâneo. Concluímos a construção de uma anti-heroína contemporânea, que aponta para um deslocamento das narrativas convencionais para abordagens mais complexas e ambíguas.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Cristina; FERNANDES, Guilherme Moreira. A vilania feminina na telenovela: alianças com o Banditismo. In: XIII ENCONTRO DOS GRUPOS DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO – GP Ficção Seriada, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Manaus – AM. **Anais...** Manaus, 2013.

BRANDÃO, Cristina; FERNANDES, Guilherme Moreira. As Mocinhas/Heroínas das Telenovelas: “meu destino é sofrer”. In: XV ENCONTRO DOS GRUPOS DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO – GP Ficção Seriada, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro – RJ. **Anais...**, 2015.

BRAGA, José Luís. **Comunicação, disciplina indiciária**. Matrizes, vol. 1, núm. 2, abril, 2008, pp. 73-88 Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2008.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. Cholsamaj Fundacion, 2004.

CASTELLANO, Mayka; MEIMARIDIS, Melina. “MULHERES DIFÍCEIS”: A antiheroína na ficção seriada televisiva americana. **Revista Famecos**, v. 25, n. 1, p. 27007, 2018. Disponível em: . Acesso em: 25 março. 2025.

COUTINHO, I. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. In: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2016. **Anais** [...]. São Paulo: ECA-USP, 2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2021.

EVANGELISTA, Raquel Lobão. **Características estéticas de séries norte americanas: identificação e afeição a anti-heróis**. Disponível em: . Acesso em: 16 nov. 2017.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Telenovela como recurso comunicativo. **Matrizes**, São Paulo, n. 1, ano 3, p. 21-47, 2009.

RIGAUD, Paloma Loureiro. **O heroísmo do anti-herói: construção da dualidade nos protagonistas das séries Família Soprano e Demolidor**. 2019. 67 páginas. Monografia - Universidade Federal da Bahia, 2019.

VARDIERO, Talison Pires; GUERRA, Marcio de Oliveira, Estudo de caso: seria a personagem Atena de a Regra do Jogo uma femme fatale? In: XIII ENCONTRO REGIONAL DE COMUNICAÇÃO, Universidade Federal de Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora – MG, 2015.